

Da teoria econômica do socialismo

Parte II

Fikret Adaman e Pat Devine

New Left Review 221, jan-fev 1997

Instabilidades e perdas da economia de mercado

O ponto defendido por Dobb dizia que o planejamento econômico permitiria que os dois principais inconvenientes do mecanismo de mercado – as instabilidades e as externalidades – fossem superados. Ele sustentou que o desequilíbrio em uma economia de mercado só é corrigido após o evento, com a consequência de que as flutuações econômicas são endêmicas e os recursos desperdiçados, enquanto o planejamento econômico permitiria que decisões, especialmente aquelas relacionadas a grandes investimentos interdependentes, fossem coordenadas antes de qualquer comprometimento dos recursos.

Tal como Dobb admitiu, essa coordenação ex-ante traria dois tipos de vantagens. Primeiro, numa economia não planejada, o equilíbrio de mercado “só é alcançado por meio de flutuações incessantes, que são elas próprias condicionadas pelas incertezas inerentes à própria produção mercantil, pois cada decisão autônoma aí é necessariamente ‘cega’ em relação às decisões relacionadas”;¹ já o planejamento permite que as incertezas decorrentes da natureza atomizada das tomadas de decisão individual sejam superadas. Em segundo lugar, o planejamento permite que as externalidades sejam levadas em consideração explicitamente e que as decisões inter-relacionadas, como as que envolvem a infraestrutura, sejam coordenadas antes de serem implementadas.

Finalmente, Dobb argumentou que, com o planejamento, aquilo que aparece como “dado” no problema estático pode ser convertido em “variável” em uma estrutura dinâmica. Assim, seria possível tomar decisões sociais conscientes, não apenas sobre a taxa global de investimento, mas também sobre a distribuição do investimento entre indústria de bens de capital e de bens de consumo, sobre a escolha de técnicas, quanto a distribuição regional do investimento e assim por diante.

Foi visto que, durante o debate histórico, tanto os austríacos quanto Dobb criticaram a escola neoclássica do socialismo de mercado, embora a partir de diferentes perspectivas. Do ponto de vista de Dobb, a forma organizacional atomista de uma suposta economia de mercado necessariamente gera imperfeições de conhecimento. Argumentou, por isso mesmo, que essas imperfeições poderiam ser remediadas por uma agência de planejamento. Ele não abordou, entretanto, a percepção austríaca moderna do processo de descoberta e de aprendizagem por meio do qual o conhecimento tácito é socialmente mobilizado.

¹ M. Dobb, *Economic Theory and Socialist Economy: A Reply*, *Review of Economic Studies*, 1935, p. 535.

De acordo com a escola austríaca, em contraste, esse processo de descoberta e aprendizado requer necessariamente a atuação de empresários no mercado. Os austríacos aceitam que o atomismo característico da forma organizacional do mecanismo de mercado gera imperfeições de conhecimento, mas afirmam, nas palavras de Israel Kirzner, que “descrever o processo competitivo como desperdiçador porque corrige os erros somente depois que eles ocorreram parece similar a atribuir a doença ao remédio que produz a cura, ou até mesmo culpar o procedimento diagnóstico pela doença que ele identifica.”²

A relevância do debate do cálculo econômico socialista para o socialismo contemporâneo vem das questões teóricas que levanta. Uma maneira de caracterizá-las consiste em considerar dois tipos de imperfeições de conhecimento que devem ser levados em conta quando se pensa em sistemas econômicos alternativos: aquelas geradas pela natureza tácita do conhecimento disperso e aquelas geradas pela forma atomística inerente à organização do mercado.

Com base nessa classificação, três abordagens alternativas que visam ou não esses dois tipos de imperfeição podem ser identificadas no debate. A escola neoclássica desconhece as duas formas de imperfeição.³ A escola austríaca admite a existência de ambos os tipos, mas argumenta que a descoberta e mobilização de conhecimento tácito por meio do processo de mercado requerem ação autônoma por parte dos agentes econômicos. Ora, isso impossibilita qualquer tentativa de coordenação ex-ante a fim de lidar com o segundo tipo de imperfeição. Finalmente, Dobb defende a coordenação ex-ante da atividade econômica para lidar com as imperfeições do conhecimento intrínseco ao processo de mercado, mas não reconhece a natureza tácita da informação.

A análise até agora feita sugere que os modelos de economia socialista devem ser avaliados em termos (i) de sua capacidade de lidar com as questões do cálculo, da motivação e da descoberta, e (ii) da forma como lidam com as imperfeições do conhecimento que surgem da natureza tácita do conhecimento e da tomada de decisão atomizada que caracteriza o mecanismo de mercado. Se partirmos do pressuposto que o socialismo requer alguma forma de propriedade não capitalista, podemos identificar três candidatos contemporâneos ao posto de melhor alternativa ao capitalismo: os modelos de socialismo de mercado que envolvem mercados reais, em oposição ao que se pode denominar de falsos mercados; os modelos baseados em cálculo direto, sem mercados reais; e um modelo de planejamento participativo, no qual as forças de

² I. Kirzner, *Competition and Entrepreneurship*, Chicago 1973, p. 232.

³ Cuidado é necessário aqui. A abordagem neoclássica foi além da suposição de livro-texto de informação perfeita, igualmente disponível para todos. Muitas análises neoclássicas modernas estão relacionadas a situações em que a informação é distribuída assimetricamente. A informação é entendida como uma mercadoria que pode ser adquirida a um custo. O preço que as pessoas estão dispostas a pagar para obter uma certa quantidade de informação depende da satisfação que ela produzirá. À primeira vista, esta abordagem parece responder à crítica da escola austríaca. No entanto, como uma pessoa pode conhecer a satisfação que será obtida de uma informação? Um indivíduo só pode saber se a informação em si existe objetivamente e eles sabem disso com antecedência. No entanto, o verdadeiro problema colocado pela escola austríaca não é como obter informações já conhecidas, mas como descobrir o conhecimento tácito de que não há consciência pré-existente. Assim, o conceito dos neoclássicos de informação distribuída assimetricamente é categoricamente diferente do conhecimento tácito dos austríacos; o primeiro é conhecimento objetivado, este último está sujeito a um processo de descoberta e aprendizado. Veja S. Ioannides, *The Market, Competition and Democracy: A Critique of Neo-Austrian Economics*, Hants. 1992.

mercado são substituídas por uma combinação de mercado de trocas reais e de coordenação ex-ante dos grandes investimentos por meio de um processo de tomada de decisão participativo.

Contendentes contemporâneos: o socialismo de mercado

Os modelos contemporâneos de socialismo de mercado são baseados em empresas estatais ou em empresas pertencentes a várias instituições não estatais, mas não privadas, ou mesmo cooperativas de trabalhadores. Essas empresas operam em mercados reais de produtos e, às vezes, também em mercados reais de capital. Eles buscam combinar a eficiência supostamente inerente aos mercados com uma igualdade de renda associada aos valores socialistas. Nossa avaliação desses modelos enfocará a eficiência no uso do estoque de capital existente, a eficiência na alocação do investimento e a extensão em que os modelos incorporam considerações sociais mais amplas.

Sob cada um desses títulos, distinguiremos aqui os modelos que estão essencialmente dentro do paradigma neoclássico com relação aos seus pressupostos epistemológicos e metodológicos e aqueles que se enquadram no paradigma austríaco. Como regra geral, os modelos que reconhecem implícita ou explicitamente o problema da descoberta por meio da atividade empreendedora, podem eles ser caracterizados como tipos de um socialismo de mercado austríaco. Por outro lado, aqueles que não reconhecem esse problema podem ser identificados como tipos de um socialismo de mercado neoclássico⁴.

Eficiência no uso do estoque de capital existente

As questões que surgem aqui dizem respeito ao cálculo, à motivação e ao problema associado de “agente e principal”. O modelo de “socialismo viável” de Alec Nove, talvez o mais célebre modelo de socialismo de mercado depois do modelo de Oskar Lange, prevê uma economia em lenta mudança na qual as empresas satisfazem as demandas de mercado com a capacidade pré-existente, procurando fazer investimentos incrementais, os quais são financiados pelos lucros retidos ou por créditos bancários. Elas, em suma, procuram sempre se adaptar às lentas mudanças na demanda e na tecnologia.⁵ Os preços emergentes nos mercados competitivos fornecem a base para o cálculo racional e esses próprios mercados fornecem a motivação para a eficiência.

O modelo de Nove cai essencialmente dentro do paradigma neoclássico, uma vez que o seu foco está no ajuste marginal, sem que seja atribuído qualquer papel para empreendedorismo ou para descoberta de informações. Assume-se que as maiores mudanças e os investimentos não marginais, juntamente com a regulação do comportamento empresarial, são feitos pelo Estado. Não há, entretanto, qualquer discussão de como isso deve ser feito ou como o conhecimento necessário às tomadas

⁴ Nenhum dos modelos que designamos como austríaco realmente querem se afigurar como tais. Nossa classificação é baseada na questão de saber se reconhecem ou não as questões de descoberta e empreendedorismo e incorporam processos institucionais para lidar com eles.

⁵ A. Nove, *The Economics of Feasible Socialism*, London 1983.

de decisões vem a ser descoberto. Assim, o problema de “agente e principal” não é discutido e o desafio teórico austríaco não é enfrentado. Além disso, as lições da experiência histórica em relação às tentativas reais de implementar versões do socialismo de mercado são, na maior parte, ignoradas.⁶

A maior parte dos trabalhos sobre o socialismo de mercado após o de Nove são denominados por Bardhan e Roemer como “modelos de quinta geração”.⁷ Eles se preocupam em analisar as propriedades de eficiência de uma economia composta por empresas não privadas que maximizam o lucro dentro de uma estrutura econômica concebida nos moldes da teoria neoclássica. Uma característica distintiva dessa geração de modelos é a aceitação do problema de “agente e principal” como uma dificuldade central que os socialistas de mercado precisam enfrentar. Trata-se, então, de pensar as várias formas de alocar direitos de propriedade de tal modo que pessoas auto interessadas ou mesmo egoístas possam atuar de maneira que resulte em um uso eficiente dos recursos.⁸ Deve-se notar que, dentro do paradigma neoclássico, o conceito de eficiência utilizado é o de “ótimo de Pareto”. Este, como se sabe, advém de uma definição técnica que se refere a uma situação em que, dadas certas suposições altamente restritivas, a utilidade de uma pessoa não pode ser aumentada sem que a utilidade de qualquer outra seja diminuída.

O modelo neoclássico atual mais cristalizado de socialismo de mercado é o de Bardhan e Roemer. Nele, o problema sobre como o principal pode monitorar o agente é explicitamente abordado.⁹ Eles propõem dois mecanismos, os quais conscientemente

⁶ A experiência histórica mais relevante é a da Hungria com o seu “novo mecanismo econômico”, introduzido em 1968; veja J. Kornai, ‘The Hungarian Reform Process: Visions, Hopes, and Reality’, *Journal of Economic Literature*, 1986.

⁷ P. Bardhan and J. Roemer, Introduction, P. Bardhan e J. Roemer, eds, *Market Socialism*, New York 1993, p. 7. Stiglitz argumentou recentemente que os modelos de equilíbrio geral walrasiano e neoclássico são fatalmente defeituosos devido à sua incapacidade de lidar com situações caracterizadas por várias formas de informação imperfeita e estendeu essa crítica a modelos socialistas de mercado do tipo Lange, veja J. Stiglitz, *Market Socialism and Neoclassical Economics*, Bardhan and Roemer, *Market Socialism*. Roemer respondeu argumentando que a crítica de Stiglitz não se aplica ao socialismo de mercado de quinta geração, veja J. Roemer, *An Anti-Hayekian Manifesto*, *New Left Review*, 211, pp. 112–29. Concordamos com Roemer – e com efeito Stiglitz, embora ele não o diga explicitamente – que qualquer arranjo institucional concebido dentro do paradigma neoclássico para tratar os problemas decorrentes de conhecimento imperfeito em uma economia de mercado pode ser adaptado de forma igualmente eficaz a uma economia capitalista baseada em propriedade privada ou uma economia socialista de mercado baseada na propriedade não privada. No entanto, esses desenvolvimentos dentro do paradigma neoclássico, analisando a troca voluntária com base no comportamento maximizador, não abordam o desafio austríaco subjacente, com base na posição epistemológica distinta daquela escola. Para poder engajar-se na maximização do comportamento, os agentes econômicos devem saber qual será o resultado dos cursos alternativos de ação e como cada resultado afetará sua utilidade. É precisamente a possibilidade de possuir tal conhecimento que os austríacos disputam. Para eles, o conhecimento precisa ser descoberto por meio da ação. Veja-se a nota de número 30 no artigo de Ioannides, *The Market, Competition and Democracy*.

⁸ “A aparência do gerente egoísta, do planejador e do diretor do banco público está associada à visão, na argumentação da quinta geração, de que apenas um diretor que está prestes a realizar um grande ganho monetário monitorará adequadamente o seu agente”, Bardhan and Roemer, Introduction, *Market Socialism*, p. 8.

⁹ Bardhan and Roemer, *Market Socialism: A Case for Rejuvenation*; Bardhan, *On Tackling the Soft Budget Constraint in Market Socialism*, Bardhan e Roemer, *Market Socialism*; Roemer, *Can There Be Socialism After Communism?*, no mesmo volume; Roemer, *A Future for Socialism*, London 1994. Veja-se também o

simulam os arranjos institucionais para disciplinar os administradores mais comuns encontrados no próprio capitalismo: o monitoramento centrado em bancos e um falso mercado de capitais.

O mecanismo centrado em bancos, que, aliás, tem muito em comum com a organização japonesa do “keiretsu”, consiste em formar um grupo corporativo que tem em seu núcleo um banco público como principal. As firmas que atuam como membros desse grupo são sociedades anônimas. Uma minoria das ações é de propriedade dos trabalhadores da empresa, pois o restante delas pertence ao banco nuclear do grupo, às outras empresas do grupo e à terceiros fora do grupo, tais como outras empresas, fundos de pensão ou governos locais. O banco nuclear é de propriedade do Estado, com participação majoritária de outras instituições financeiras. Assim, as empresas não seriam de propriedade direta do Estado, mas apenas indiretamente por meio do banco nuclear e de outras empresas do grupo.

O monitoramento seria realizado principalmente pelo banco nuclear, mas também pelos outros membros do grupo. Em geral, o grupo seria tecnologicamente inter-relacionado, de modo que, entre outras coisas, o banco nuclear “poderia se especializar em alguma área tecnológica relativamente estreita e bem definida, com o objetivo de monitorar e examinar seus empréstimos e participações acionárias nas empresas associadas”.¹⁰

O monitoramento seria eficaz, uma vez que tanto o banco nuclear quanto as outras empresas do grupo deteriam a maior participação, assim como mais informações “internas” sobre cada uma das empresas do que acionistas ordinários em um sistema centrado no mercado de ações. Esse sistema, ademais, seria capaz de detectar e de agir com base nos primeiros sinais de futuros problemas mais facilmente do que um corpo difuso de acionistas. Além disso, ele seria mais propenso a ter uma visão mais ampla em matéria de riscos e de inovações”.¹¹

Esse sistema seria capaz de monitorar efetivamente os agentes, mas teria ele também suficiente incentivo para fazer isso? O argumento deles é que eles o teriam, porque todas as firmas do grupo estariam interessadas no retorno de suas participações umas nas outras e o banco nuclear “desejaria manter sua reputação de credibilidade como monitor delegado em um sistema de monitoramento por delegação recíproca com um pequeno número de outros bancos. Ele “não desejaria perder o ativo intangível que acumulara especificamente em seu relacionamento de longo prazo com as empresas afiliadas”.¹²

número especial de *Politics and Society*, Dezembro, 1994. Embora na Introdução ao *Market Socialism*, os autores se refiram à primeira escola austríaca, as discussões feitas estão inteiramente dentro do arcabouço neoclássico e se preocupam apenas com os problemas do cálculo e da motivação. Não há qualquer referência à escola austríaca moderna nem ao problema da descoberta. Isso é verdade em *A Future for Socialism* de Roemer e em seu *An Anti-Hayekian Manifesto*. Estamos, pois, bem confiantes em afirmar que o modelo de Roemer cai claramente na categoria de neoclássico.

¹⁰ Bardhan and Roemer, *Market Socialism: A Case for Rejuvenation*, p. 109.

¹¹ Ibid.

¹² Bardhan, *On Tackling the Soft Budget Constraint in Market Socialism*, p. 148.

Modelos alternativos

O segundo mecanismo de monitoramento proposto vem a ser um falso mercado de capitais, ou seja, um “mercado de conchas”. De início, todos os cidadãos recebem uma dotação inicial igual de senhas, que só podem ser usadas para comprar ações de empresas, denominadas não em dinheiro, mas em cupons – ou em conchas. As ações não podem ser compradas ou vendidas por dinheiro, pois apenas podem ser negociadas a preços expressos em cupons. A participação acionária implica em um direito a uma parcela dos lucros da empresa. Os preços em cupons das participações, portanto, oscilarão tal como os preços das ações nas bolsas de valores capitalistas. As ações de empresas cuja administração está tendo um desempenho ruim, com consequentes lucros baixos, serão vendidas e seu preço em cupons cairá, e vice-versa. Assim, esse falso mercado de capitais “forneceria os mesmos sinais que fornece um mercado de ações capitalista”.¹³

O monitoramento com base nesses sinais seria realizado pelo sistema bancário. As empresas são financiadas neste sistema por empréstimos de bancos públicos. Este mercado de conchas não é uma fonte de financiamento de capital, mas apenas um mercado de direitos de propriedade sobre os lucros das empresas. Se o preço em cupons relativo à participação em uma empresa começar a cair, os bancos teriam um incentivo para investigar o desempenho da administração da empresa, a fim de garantir que ela permanecesse suficientemente lucrativa para pagar seus empréstimos aos bancos.

É certo que o sistema de conchas poderia ser combinado com o monitoramento interno feito a partir do sistema “keiretsu”, centrado nos bancos. Eis que os sinais dados pelos preços em cupons referentes às ações podem influenciar a intensidade do monitoramento interno que é feito pelo banco nuclear. Assim, “poder-se-ia projetar um sistema que permitisse graus variados de influência de tal mercado de ações na alocação de capital e no monitoramento da empresa, dependendo da visão que se possa ter sobre a eficiência desse mercado acionário”.¹⁴

Bardhan e Roemer reconhecem que em ambos os sistemas a questão da relação entre o Estado e os bancos continua sendo um problema. Eles consideram que a questão central é se os bancos teriam independência suficiente do Estado para poder agir com base em critérios econômicos – e não em critérios políticos. Argumentam, no entanto, que o modelo por eles proposto teria sucesso em remover as empresas da órbita do Estado sem conceder aos cidadãos individuais direitos desenfreados de propriedade privada.

As participações acionárias referente ao banco nuclear e as participações acionárias interligadas das empresas que participam de um grupo corporativo proporcionariam um amortecedor contra a influência política direta nas atividades das empresas. As ações do banco nuclear mantidas por outros bancos e instituições financeiras, ainda que minoritárias, tornariam mais difícil para o Estado pressionar o banco. Mesmo assim, Bardhan e Roemer recomendam que seja criada uma norma constitucional que limite estritamente as circunstâncias em que o Estado poderia usar sua participação majoritária para intervir nas operações dos bancos.

¹³ Bardhan and Roemer, *Market Socialism: A Case for Rejuvenation*, p. 110.

¹⁴ Roemer, *A Future for Socialism*, p. 81.

De modo paralelo a esses modelos baseados em formas de propriedade não-estatais e não privadas, há um grupo de modelos baseados em cooperativas de trabalhadores ou em empresas administradas por eles. A análise neoclássica inicial da empresa administrada pelos trabalhadores identificou várias ineficiências decorrentes da suposição de que os trabalhadores buscam maximizar a renda por trabalhador enquanto os capitalistas maximizam os lucros.¹⁵

Os modelos contemporâneos dessa tradição se preocuparam em mostrar como essas ineficiências podiam ser superadas. Sertel demonstrou que as ineficiências não surgem quando um mercado de direitos de participação é introduzido, caso em que o comportamento de uma empresa administrada por trabalhadores torna-se idêntico ao de sua equivalente capitalista.¹⁶ Fleurbaey propõe um modelo baseado na democracia no local de trabalho no qual o financiamento externo indireto – com base na poupança doméstica canalizada por meio do sistema bancário – permite que a maioria das ineficiências tradicionais seja superada.¹⁷ Weisskopf desenvolve um modelo no qual as empresas autogeridas por trabalhadores obtêm ativos por meio da venda, entre outras coisas, de ações negociáveis sem direito a voto para fundos mútuos independentes. Então, analisa as propriedades de eficiência do modelo e conclui que:

é possível responder às várias linhas de crítica de modo a diminuir consideravelmente a força do argumento de que o modelo de socialismo de mercado que advogo será ineficiente. Não pretendo sugerir que será tão eficiente (por critérios convencionais de eficiência) quanto um modelo capitalista. Contra qualquer desvantagem de eficiência restante..., porém, deve ser levado em conta não apenas as suas contribuições para... os objetivos socialistas..., mas também certas vantagens de eficiência compensatórias.¹⁸

A conclusão de Weisskopf encapsula a essência da abordagem neoclássica do socialismo de mercado – esta analisa diferentes modos de alocar direitos de propriedade para contrariar o comportamento oportunista, voltado para o próprio interesse – e não da sociedade como um todo. Para tanto, cria modelos de acordos contratuais que são eficientes no sentido de Pareto. Os socialistas de mercado neoclássicos têm sido mais ou menos bem-sucedidos ao lidar, em seus próprios termos, com as questões do cálculo e da motivação em relação ao uso eficiente (no sentido de Pareto) do capital existente, mas não são capazes de abordar minimamente a questão da descoberta. Nem é de modo algum evidente, mesmo em princípio, que eles poderiam fazê-lo.

Contudo, há o modelo de Tidor Liska que procura lidar com a questão da descoberta no contexto do emprego da capacidade existente. E ele poderia ser

¹⁵ As duas principais ineficiências identificadas são uma redução na produção de curto prazo em resposta a um aumento de preço e um grau sub-ótimo de intensidade de capital. Para uma pesquisa abrangente, veja-se J. Bonin and L. Putterman, *Economics of Cooperation and the Labor-Managed Economy*, New York, 1987.

¹⁶ See M. Sertel, *Workers and Incentives*, Amsterdam, 1982; M. Sertel, Workers Enterprises Are Not Perverse, *European Economic Review*, 1987; P. Kleindorfer and M. Sertel, The Economics of Workers Enterprises, D. Börs, ed., *Public Policy and Economic Organization*, London 1994.

¹⁷ M. Fleurbaey, Economic Democracy and Equality: A Proposal, in Bardhan and Roemer, *Market Socialism*.

¹⁸ T. Weisskopf, A Democratic Enterprise-Based Market Socialism, Bardhan and Roemer, *Market Socialism* p. 134; “critério de eficiência convencional” significa um ótimo de Pareto, tal como foi antes aqui definido.

considerado como um primeiro a ser classificado como modelo de socialismo de mercado austríaco. Esse autor procura substituir o “gerente socialista” pelo “empresário socialista”. O seu modelo se baseia na ideia de alugar unidades de produção de propriedade estatal a empresários privados por meio de um processo de licitação competitiva.¹⁹

Nessa proposta, o Estado possui os meios de produção existentes e toma decisões sobre investimentos. Mas os licitantes capazes de fazer os maiores lances decidem como os meios de produção existentes devem ser usados e o fazem com base em suas expectativas iniciais e no que eles descobrem ao empregá-los na produção. Quando o contrato expira, o processo de licitação é repetido e o empreendedor em operação deve ser capaz de fazer o lance mais alto ou deixar o negócio porque outro licitante foi capaz de fazer um lance vencedor. A ênfase está, portanto, nos "recursos humanos" dos empreendedores; ao final, são destes que resultam – supõe-se – um ganho excedente residual que os remunera. Assim, o modelo pode ser interpretado como uma tentativa de assegurar que a produção estatal e as unidades de produção sejam usadas de um modo empresarial de tal modo que o uso mais eficiente dos recursos é descoberto na prática.

Eficiência na alocação do investimento

No entanto, embora o modelo de Liska aborde a questão da descoberta no contexto do uso da capacidade existente, como tal ela só pode surgir como uma questão fundamental quando as decisões de investimento são tomadas num contexto de mudança e incerteza radical. É por isso que os modelos neoclássicos do socialismo de mercado, dominados pela análise das propriedades de eficiência dos estados de equilíbrio em condições de certeza ou de risco calculável são incapazes de responder ao desafio austríaco moderno. Ora, este último, abraçando a incerteza radical, está mais preocupado com os problemas de motivação e da descoberta do que com os problemas de cálculo e motivação.²⁰ A maioria dos modelos neoclássicos de socialismo de mercado simplesmente assume que o padrão de investimento gerado por forças de mercado perfeitamente competitivas é eficiente para, então, explorar as maneiras pelas quais esse padrão pode ser alcançado em uma economia composta por empresas que não são mais privadas.

Apesar disso, existem alguns modelos socialistas de mercado que tentam lidar explicitamente com as questões do empreendedorismo e da descoberta em um contexto dinâmico em que há incerteza. Tais projetos, portanto, podem ser considerados como legítimos modelos austríacos de socialismo de mercado. O modelo de Brus e Laski formula o que eles mesmos chamam de "socialismo de mercado propriamente dito". Eis que procura combinar, “de uma forma ou outra, a propriedade estatal” com “total independência das firmas e um verdadeiro empreendedorismo”.

¹⁹ Veja-se J. Barsony, Tidor Liska's Concept of Socialist Entrepreneurship, *Acta Oeconomica*, 1982.

²⁰ Tornou-se convencional distinguir entre certeza, risco e incerteza. O risco é uma situação na qual todos os resultados possíveis e suas probabilidades de ocorrência são conhecidos. Isso possibilita calcular um "valor esperado" de um curso de ação que pode ser maximizado como se fosse conhecido. A incerteza, ao contrário, é uma situação na qual nem todos os resultados possíveis nem suas probabilidades de ocorrência são conhecidos – simplesmente não sabemos, mas mesmo assim é preciso de acordo com a situação encontrada.

Este último tem de se fazer valer tanto num mercado de capitais real quanto em mercados reais de produtos e de força de trabalho.²¹ No entanto, as condições que devem ser satisfeitas para alcançar esse resultado – note-se que o modelo replica de fato o capitalismo – são tais que tornam a retenção formal da propriedade estatal algo bem artificial e redundante. Assim, Brus e Laski concluem que “a lógica pura do mecanismo de mercado em sua completude parece indicar que a empresa não-estatal (ou seja, a empresa privada) vem a ser o constituinte mais natural do setor empresarial”.²²

Estrin pensa uma economia na qual as cooperativas de trabalhadores autogerenciadas podem tomar capital emprestado de companhias matrizes (holdings). As ações dessas companhias são de propriedade do governo e das próprias empresas autogeridas, mas elas, no entanto, maximizam lucro. Ele argumenta, por um lado, que as forças de trabalho existentes nas empresas autogestionadas devem arcar com os riscos da produção, mas, por outro lado, devem receber quaisquer excedentes residuais. Já as companhias matrizes devem desempenhar a função empreendedora de inovação, pesquisa e desenvolvimento, assim como de pesquisa de mercado. As matrizes administrariam o capital social criando e fechando empresas – no último caso, mesmo quando há oposição dos trabalhadores envolvidos.²³

Schweickart propoz um modelo de "democracia econômica" em que a produção é feita por unidades gerenciadas por trabalhadores. Os mercados de bens de consumo e de produção, assim como os investimentos, são socialmente controlados. As empresas competem umas com as outras, obtendo recursos financeiros nos bancos comunitários regionais, e os aplicando em novas oportunidades à medida em que estas vão sendo descobertas. Schweickart afirma que “a democracia econômica prevê e, na verdade, requer a existência de empreendedores socialistas”, isto é, indivíduos ou coletivos dispostos a inovar, a assumir riscos, na esperança de fornecer novos bens e serviços ou ainda bens antigos de novas maneiras”.²⁴

O que esses modelos austríacos de socialismo de mercado têm em comum é a tentativa de imitar o mais próximo possível as instituições do capitalismo, mesmo se propõem diferentes formas de propriedade não capitalista. Quanto mais se aproximam desse desiderato, quanto mais incorporam um processo de descoberta e de mobilização do conhecimento tácito, mais se afastam da capacidade de lidar com as imperfeições do conhecimento decorrentes da tomada de decisão atomizada, a qual, como se sabe, é inerente ao funcionamento das forças do mercado.

Considerações sociais mais amplas

Os modelos socialistas de mercado enfatizam a eficiência das forças de mercado mesmo se as interpretam de diferentes maneiras. Afirmam que a sua superioridade em relação ao capitalismo está principalmente na distribuição de renda bem mais

²¹ W. Brus and K. Laski, *From Marx to the Market*, Oxford 1989, pp. 105, 132.

²² Ibid., p. 149.

²³ S. Estrin, *Workers Cooperatives: Their Merits and Their Limitations*, J. Le Grand and S. Estrin, eds, *Market Socialism*, Oxford, 1989.

²⁴ D. Schweickart, 'Economic Democracy: A Worthy Socialism That Would Really Work', *Science and Society*, 1992, p. 28.

igualitária, algo que apenas a propriedade não privada torna possível. No entanto, alguns socialistas de mercado também reconhecem que o funcionamento das forças de mercado é caracterizado por problemas de coordenação, externalidades e aversão ao risco. Por conseguinte, procuraram incorporar em seus modelos certas instituições e procedimentos que permitem ter em conta considerações sociais mais amplas do que aquelas que podem ser predicadas do funcionamento não regulamentado das forças do mercado competitivo.²⁵

Um modelo neoclássico recente de Ortuno-Ortin, Roemer e Silvestre explora maneiras diferentes de impulsionar padrões de investimento politicamente determinados. Isso é feito por meio de incentivos fiscais e taxas de juros que diferem entre setores.²⁶ Desenvolveram um modelo de equilíbrio geral no qual o centro implementa um padrão predeterminado de investimento seja por meio de comandos diretos seja por meio de “planejamento indireto”. Este último é constituído por sinais paramétricos de mercado aos quais as empresas públicas respondem maximizando o lucro.²⁷ Entretanto, o fator crucial a ser notado é que nesse modelo “o poder público tem informações completas sobre a tecnologia das firmas”; em consequência, a crítica austríaca aos pressupostos epistemológicos subjacentes ao paradigma neoclássico aplicam-se com força total.²⁸

As tentativas do socialismo de mercado austríaco de levar em conta considerações sociais mais amplas do que aquelas permitidas pela operação das forças de mercado competitivas foram feitas por, entre outros autores, por Estrin e Winter e por Schweickart.

Estrin e Winter, no contexto de um modelo de empresas autogeridas e de matrizes (holdings) que maximizam lucro – antes desenvolvido por Estrin – defenderam o planejamento indicativo para reduzir as imperfeições do conhecimento associadas à coordenação ex-post das decisões atomizadas que resultam do mero funcionamento das forças de mercado.

Schweickart propõe que a taxa global de investimento seja decidida democraticamente por meio do processo político. Os bancos comunitários regionais, então, recebem alocações de parcelas dos fundos de investimento disponíveis para que passem a emprestar às empresas com base nas prioridades sociais acordadas. As empresas gerenciadas pelos trabalhadores, portanto, competiriam por esses fundos de investimento. Os bancos as alocariam principalmente com base na lucratividade

²⁵ Veja-se, por exemplo, J. Roemer, *The Possibility of Market Socialism*, in D. Copp, J. Hampton and J. Roemer, eds, *The Idea of Democracy*, Cambridge 1993.

²⁶ I. Ortuno-Ortin, J. Roemer, and J. Silvestre, *Investment Planning in Market Socialism*, in S. Bowles, H. Gintis, and B. Gustafsson, eds, *Markets and Democracy: Participation, Accountability and Efficiency*, Cambridge, 1993.

²⁷ Efetivamente, este é o mesmo sistema defendido por Brus num primeiro modelo de socialismo de mercado; veja-se W. Brus, *The Market in a Socialist Economy*, London 1972.

²⁸ J. Roemer and J. Silvestre, *Investment Policy and Market Socialism*, Bardhan and Roemer, *Market Socialism*, p. 109. Este capítulo citado é um sumário do modelo completo; veja-se Ortuno-Ortin, Roemer, and Silvestre, *Investment Planning in Market Socialism*.

esperada, mas também levariam em conta outros critérios politicamente determinados.²⁹

Um modelo relacionado, que busca “a democratização do mercado dentro de uma estrutura de planejamento estratégico” foi proposto por Elson.³⁰ Essa autora argumenta que o processo de mercado não permite uma reflexão coletiva que ocorra antes da tomada de decisão por parte das unidades produtoras individuais. Como essa última prática fomenta a busca de objetivos individuais às expensas da cooperação de longo prazo, sugere que o mercado deve ser transformado ou “socializado” por novas instituições de regulação e controle democráticos.

Em seu modelo, as empresas são de propriedade pública; há representantes dos consumidores e da comunidade local em seus conselhos, mas elas são autogeridas internamente. Um órgão “regulador de empresas públicas” desempenha as funções do mercado de capitais; os preços são fixados por meio de um diálogo entre as empresas e as “comissões de salários e preços”. Essa configuração, de acordo com Elson, mudaria a natureza antagônica das relações sociais entre compradores e vendedores, de tal modo que tornaria o processo de formação de preços mais público do que privado. Além disso, a operacionalidade do sistema seria reforçada pela criação de “redes de compradores-vendedores”, as quais facilitariam a troca de informações e garantiriam a divulgação de informações.

²⁹ Veja-se S. Estrin and D. Winter, Planning in a Market Socialist Economy, Le Grand and Estrin, *Market Socialism*; e Schweickart, Economic Democracy. Miller também propôs um modelo que busca levar em conta considerações sociais mais amplas essencialmente da mesma maneira que Schweickart. Em seu modelo, as cooperativas de trabalhadores obtêm capital de agências de investimento que equilibram a rentabilidade esperada em relação às necessidades de emprego, ambientais e outras necessidades da comunidade; veja-se D. Miller, *Market, State, and Community*, Oxford 1989.

³⁰ D. Elson, Market Socialism or the Socialization of the Market?, *New Left Review*, 172, Nov.-dez., 1988, p. 33. Veja-se também H. Breitenbach, T. Burden, e D. Coates, *Features of a Viable Socialism*, Hemel Hempstead, 1990.